

A AVALIAÇÃO COMO MOMENTO DE APRENDIZAGEM NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Maria É Braga Mota

Quando nos propomos a discutir a avaliação da aprendizagem estamos conseqüentemente discutindo toda a prática docente.

Não conseguimos divorciar a avaliação dos demais elementos do processo de ensino e aprendizagem. A avaliação é o elemento provocador dos demais elementos da ação docente. Provocador porque esse determina toda a ação dos demais elementos, numa dinâmica de constante ação do professor.

Essa ação é também balizada por uma concepção de educação, ao mesmo tempo em que traduz uma concepção teórica de sociedade. Sendo assim, a avaliação não deverá ser situada em um contexto pedagógico que não tenha como mecanismo promover a aprendizagem do aluno.

Compreendemos que a avaliação não se traduz no conceito de atender aos objetivos metodológicos planejados, mas como um instrumento diagnóstico para a superação do autoritarismo ocorrente na prática escolar.

Dentro dessas questões, nos propomos discutir a avaliação da aprendizagem nos cursos de formação de professores e seu papel reprodutivista, partindo das afirmações de autores que se debruçaram em pesquisa desta temática.

Ter o entendimento dessas questões nos leva a propor o rompimento com os seus limites, buscando situar a avaliação da aprendizagem em outro contexto pedagógico, ou seja, a avaliação deverá acontecer no sentido de promover a aprendizagem do aluno e perceber a educação escolar como prática social.

Diante das questões apresentadas, é necessário esclarecer que em relação a importância da avaliação no processo de ensino e aprendizagem, é preciso pensá-la seqüenciada por



uma intervenção na prática pedagógica do professor, ou seja é preciso vê-la como um momento de resignificação do fazer pedagógico.

O professor não deverá isentar-se de um posicionamento efetivo de mudança e de melhoria da sua prática a partir dos resultados obtidos na avaliação da aprendizagem dos seus alunos.

Para LUCKESI (1997) “a avaliação conduz uma tomada de decisão. Ou seja, o julgamento de valor, por sua constituição mesma desemboca um posicionamento de não indiferença”. Sendo assim, a avaliação define um ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica em uma ação para aceitá-la ou para transformar-lo.

Ainda para o autor, o educador que quiser dar encaminhamento a avaliação escolar, deverá está preocupado em redefinir os rumos da sua ação pedagógica e sugere como primeiro passo para o direcionamento de caminhos da prática de avaliação, o posicionamento claro e explícito de uma concepção de educação para orientar seu fazer docente.

E para que isso seja verdadeiramente possível, a avaliação precisa ser um instrumento dialético e que sirva também a um diagnóstico, como também está agregada a uma pedagogia que esteja potencialmente comprometida com a aprendizagem do aluno:

Não basta entender que é necessário uma nova pedagogia, nem basta entender que é necessário no rumo da prática. Torna-se fundamental que na medida em que se venha a processar estes novos entendimentos, novas formas de conduta sejam manifestações desses acontecimentos, é a unicidade teoria, prática (LUCKESI 1997 pg.67)

Dessa forma, observamos que o professor que está preocupado com a sua prática educacional, no sentido de promover a aprendizagem do aluno não poderá agir inconsciente.



Cada passo de sua ação deverá está marcado e por uma posição clara e explícita do que está fazendo e por onde está encaminhando seus resultados.

Sendo assim a avaliação deixa de ser um ato mecânico e passa a ser uma atividade racional e refletida.

A Avaliação nos Cursos de Formação de Professores

A nossa preocupação recai sobre a avaliação trabalhada nos cursos de formação de professores. Buscamos analisar qual a influência do momento da avaliação nos cursos de formação desse profissional, como é compreendido pelos alunos, como é utilizado esse saber e como é demonstrado na prática pedagógica dos futuros professores, quando passarem a desenvolver profissionalmente a sua função docente.

Segundo Hoffman (2003), existe uma prática avaliativa classificatória que demonstrada no ensino superior, e é denunciada por alguns autores como muito mais permeável pelos professores que passam a ser um fator muito sério, porque a avaliação nesse grau é um fenômeno com características seriamente reprodutivista:

O modelo que se instala em cursos é o que vem a ser seguido pelos professores que exercem o magistério nas escolas e universidades. Muito mais forte que qualquer influência teórica que o aluno desse curso passa a sofrer, a prática vivida por ele enquanto estudante passa ser seguida quando professor (HOFFMAN, 2003 p.138)

Na opinião da autora, percebemos que o que acontece nos cursos de formação de professores, é um despercebimento nas questões didáticas, de um aprofundamento das concepções sobre avaliação, sua importância, seu papel no processo de ensino e aprendizagem e como o professor posicionar-se diante da avaliação de forma dialógica.



A grande verdade é que essa questão é tratada por poucas disciplinas dentro dos cursos. Essa afirmação é baseada na investigação de ementários das disciplinas dos cursos de formação de professor de algumas instituições, principalmente dos cursos de Pedagogia, conforme estudo de VEIGA (1997).

O que é percebido, é que o tratamento dado a avaliação, cai sempre na discussão do papel “tecnicista” e “controlador” e por isso acaba sendo banido ou aparece como aspectos a ser criticado nas disciplinas, isso sem se falar que de forma bastante rápida, diante da importância da questão e sua implicação na prática do professor e no desempenho do aluno.

Uma questão que compreendemos ser relevante a ser citada é a denúncia que Hoffman (2003) faz sobre a relação entre concepção de avaliação e visão de conhecimento do professor.

Esse pensamento parece ser linear na visão da autora, visto que, se o professor concebe a aprendizagem como algo externo ao sujeito que aprende, a ação que o meio exerce sobre o sujeito independe de sua atividade. Caberá então ao professor organizar os estímulos com os quais o aluno entrará em contato para aprender. Trata-se de uma ação fundada na observação e análise das reações visíveis, uma visão behaviorista de aprendizagem. Ou seja, alguém que ensina, para alguém que aprende.

Na prática pedagógica, funciona na atividade de observação, registro de dados, supervalorizando esses dados, que são as informações transmitidas aos alunos, por isso o aluno torna-se objeto de conhecimento do professor, por outro lado, o aluno é obrigado a estar em alerta a tais informações.

Hoffman (2003) denuncia que tal visão de conhecimento, é imperativa no ensino superior e se manifesta radicalmente na avaliação como também é muito grave a resistência dos professores em perceber o autoritarismo inerente a tal concepção. Dessa forma, a autora sugere:

Partindo para uma visão de conhecimento que ultrapasse o tradicional (alguém que ensina, versus

alguém que aprende). A hipótese que levanto é que o professor evoluiu da simples constatação o anúncio de resultados alcançados pelo aluno quando percebe que a aprendizagem não se dá apenas através do “professor falante e aluno ouvinte”, mas é muito mais complexa e dependente da história de vida dos educando e educadores (HOFFMAN, 2003 p.143)

O processo avaliativo deveria servir como momento de aprendizagem para o aluno e para o professor. Porém percebe-se na visão dos autores citados, nesse ensaio, que a forma de avaliar dos professores nos cursos superiores, principalmente nos cursos de formação de professor, potencializa o papel tecnicista da avaliação, ocasionando sérias consequências para o profissional que está sendo formado.

É necessário considerar que as formas de avaliação utilizadas nos cursos demonstram claramente o tipo de profissional proposto pela Instituição que deseja formar. A forma como se avalia demonstra sua posição frente à aprendizagem dos alunos, visto que a avaliação é o momento de diagnóstico e de tomada de decisão.

É pertinente a nossa preocupação em relação à avaliação nos cursos de formação de professor, em razão da sua forte influência na prática pedagógica dos profissionais egressos e seu papel reprodutivista. Ou seja, a avaliação na forma como é pensada e utilizada nos cursos será na grande maioria trabalhada pelos alunos nas salas de aulas quando estiverem na função de professor.

Para tanto, compreendendo ser a avaliação vista na perspectiva de aprendizagem do aluno e de reflexão da sua prática pelo professor, propomos a necessária resignificação de algumas práticas avaliativas, principalmente por parte dos cursos que formam professor. Assim, considerando que a leitura deste artigo possa ser de grande utilidade a todos que se preocupem



com a educação, e de modo particular, àqueles que compartilhem da idéia de que, a avaliação deverá ser um elemento da formação desse profissional, onde a compreensão do seu papel deverá ser amplamente discutida pelo professor, juntamente com toda a instituição, num trabalho multidisciplinar, para que ao final esse elemento fundamental à prática docente, não venha ser apenas um instrumento de controle, mas sim uma ferramenta que promova o desenvolvimento de melhoria da prática do futuro professor e da aprendizagem do aluno.

Referenciais

DAMIS, Olga Teixeira. **Formação Pedagógica do Profissional da Educação no Brasil**. Uma perspectiva de análise. In VEIGA, Ilma. Passos Alencastro (org). *Formação de Professores Políticas e Debates*. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

GATTI, Bernadete. **Formação de Professores e Carreira: Problemas e movimentos de renovação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à Universidade**. Porto Alegre. Editora Meditação, 2003 .

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo- Sp: Cortez, 1997

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (et al). **Licenciatura em Pedagogia, realidade, incertezas, utopia**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.



AVALIAÇÃO DAS CATEGORIAS FREIREANAS EM CURSO DE PEDAGOGIA, NA MODALIDADE SEMIPRESENCIAL

Flávia Rogéria da Silva

Introdução

Nasci na cidade de São Paulo e desde a 1.^a série do Ensino Fundamental, fui fascinado pelo ambiente escolar, tendo aprendido ler rapidamente.

A partir de 1991, atuei com minha mãe no Movimento Sem Terra sendo professora/monitora do MOVA - Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo - projeto de alfabetização iniciado pelo então, Secretário de Educação Prof. Paulo Freire.

Já professora habilitada, fui alfabetizadora na Escola Padrão, da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, projeto educacional interdisciplinar. Após três anos de atuação fui designada Coordenadora Pedagógica, onde, conheci a figura e atuação do Supervisor Escolar, cargo para o qual prestei concursos públicos e me efetivei em 2004.

Concomitantemente com minhas atividades de supervisão escolar, iniciei meu trabalho de docente/tutor de Ensino Superior, no Curso de Pedagogia, na formação inicial de Educadores, na modalidade semipresencial, vislumbrando que, enquanto faço meu trabalho de formação em serviço ou formação continuada, também posso corroborar a construção de outros educadores que como eu, podem sentir-se mais vívidos e úteis ao se apropriarem do seu potencial profissional e humano na prática da educação formal, a serviço da promoção humana, sendo parceiro, sementeiro de esperança e de possibilidades.